

ENTREVISTA

Como temos procedido nas edições anteriores, abrimos a Revista com a seção **Entrevista**. Desta feita, trazemos o material das entrevistas com os docentes-pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas que responderam, via correio eletrônico, as questões do roteiro encaminhado pela equipe de pesquisadores do Projeto: “*A questão da qualidade de ensino superior em uma sociedade em mudança acelerada – significado, revisão crítica e propostas para seu desenvolvimento*”. Com exceção dos registros comuns de correspondência, o conteúdo foi mantido por completo. Acreditamos assim manter a riqueza do material e permitir, aos leitores, análises sob outras óticas. A organização em seqüência de respondentes, para cada questão, pretende facilitar a análise comparativa das respostas. Uma única entrevista presencial depois de devidamente transcrita apresentou dificuldades editoriais de configuração no formato de respostas encaminhadas *on line*. Por decisão da Comissão Editorial, foram resguardados os nomes dos entrevistados, sendo identificados apenas pela área de atuação.

Coordenador Editorial

Questão 1 – Considerando-se as grandes mudanças que têm lugar no mundo e no momento atual, quais seriam as qualidades básicas, indispensáveis, que deveriam estar presentes no perfil do profissional formado no seu Curso ou Área?

ENTREVISTADO 1 (Filosofia e Educação)

R: Qualidades básicas, ou seja, primordiais de um professor: técnico-profissionais e ético-políticas. As qualidades técnico-científicas dizem respeito a duas dimensões: a) domínio dos conhecimentos teóricos e práticos fundamentais e específicos da área de atuação; b) competência pedagógica. As qualidades ético-políticas se referem aos valores de sentido filosófico e político e sua materialização em ações concretas de participação consciente na sociedade, para a consolidação da cidadania, da democracia. As qualidades ético-políticas devem ter prioridade sobre as qualidades técnicas e profissionais.



Entrevista

ENTREVISTADO 2 (Filosofia e Educação)

R: Como professor universitário, atuo nos cursos de Pedagogia e de Licenciatura, trabalhando na interface da Filosofia e da Educação, uma vez que minhas disciplinas situam-se sempre no campo da Filosofia da Educação. É desse lugar que estarei respondendo às questões formuladas. Mas tanto com referência ao pedagogo como ao professor em geral, vejo como necessário o mesmo perfil.

Entendo que as mudanças pelas quais passa o mundo no momento atual só reforçam a exigência de uma grande qualificação técnico-científica, intensa sensibilidade ética e sólida consciência política. Estou me referindo à exigência de que o profissional do campo da educação precisa de uma muito consistente formação em termos de conhecimentos científicos e técnicos, nas ciências básicas, nas ciências da educação e no campo técnico-didático; precisa ser profundamente sensível às referências axiológicas de modo geral, mas particularmente às referências éticas, uma vez que ele é profissional que lida com pessoas humanas, cuja dignidade precisa ser sempre muito respeitada, nunca agredida; igualmente dispor de uma amadurecida sensibilidade estética, dimensão imprescindível para a realização do ser humano, dele professor e de seus alunos; e também compreender-se como integrante de uma sociedade histórica, inserido num complexo tecido de relações sociais, onde predomina o poder, sempre correndo o risco de desandar para a dominação, para a opressão. Entendo que essa complexa formação supõe o desenvolvimento da capacidade da reflexão filosófica, para articular e unificar a significação de sua atuação profissional e de sua própria existência.

ENTREVISTADO 3 (Filosofia e Educação)

R: Domínio da lógica, domínio da capacidade de observar e compreender sistemas em funcionamento, habilidade social de atuação cooperativa, valorização de comportamentos éticos, capacidade de se auto-observar e modificar suas atitudes, independência em relação a poder

e autoridade. Apesar de já bastante batida: a capacidade de aprender a aprender.

ENTREVISTADO 4 (Geografia e História)

R: No curso de Geografia, se bacharel (geógrafo), é fundamental o domínio das técnicas e dos instrumentos referentes ao levantamento de dados, a capacidade de interpretar os resultados, e também a de propor soluções que visem o bem-estar da maioria. Entretanto, para realizar isto, necessita de embasamento teórico para que, no uso de modelos (que são hipóteses), não os transforme em lei. Modelo é uma idealização, é uma aproximação da realidade e não a realidade; é um instrumento e não uma norma. Os dados são importantes mas, por si só, não se explicam. Projetar o futuro e colocá-lo como inevitável, é aceitar determinismos e anular a História como um processo. Restringir-se à quantificação de fatos que são essencialmente qualitativos, é descaracterizá-los.

Se licenciado (professor de Geografia), é importante gostar da docência e não abrir mão de condições adequadas de trabalho. É saber que, na sala de aula (dos ensinamentos fundamental e médio), a ciência geográfica é um meio para provocar o pensar e para desvelar a realidade. Para realizar isto e também ser capaz de trabalhos interdisciplinares, há necessidade de possuir densidade de conteúdo. Somente com um conteúdo rigoroso se é capaz de trabalhar com a dúvida. Isso também não se consegue realizar sem teorias norteadoras. É a teoria que costura o conteúdo, é ela que orienta a prática e que permite apontar futuros. O atual desprezo pela teoria decorre da imposição daqueles que desejam a perpetuação do atual presente e faz com que professores se agarrem a qualquer novidade “modernosa”, pois não sabem para onde caminhar e necessitam de quem os conduza.

ENTREVISTADO 5 (Filosofia e Educação)

R: Ter um conhecimento sólido sobre os conteúdos relativos à sua área específica; estar

atualizado com os debates e produção de sua área; abertura ao diálogo com as áreas de conhecimento correlatas; ter consciência sobre o sentido social da sua atuação teórica e prática e, no caso da formação de professores, estar atendo às necessidades e reivindicações dos alunos com disponibilidade para reformular seu trabalho em função delas, se for o caso.

ENTREVISTADO 6 (Educação)

R: Penso que as qualidades básicas e indispensáveis que deveriam estar presentes no perfil do profissional formado em Pedagogia seriam: a) a capacidade de refletir criticamente sobre a realidade social e econômica, bem como sobre a realidade educacional de nosso país, propondo soluções alternativas para os problemas detectados; b) ter autonomia ancorada na consciência e clareza dos condicionamentos a que estamos sujeitos individual e coletivamente. Essa consciência possibilitará ao educador posicionar-se, tomar decisões e lutar resistindo diante das exigências impostas pela sociedade capitalista; c) assumir que sua formação ocorre durante a vida toda e conseqüentemente exigirá estudo sistemático e atualização constante; d) ser capaz de trabalhar e conviver com pessoas de diferentes culturas, lidando com os conflitos presentes e construindo propostas por meio da participação coletiva; e) perceber-se como sujeito inserido num contexto concreto sendo construtor de sua história pessoal e coletiva.

ENTREVISTADO 7 (Educação)

R: O profissional formado na área de educação, tanto no curso de Pedagogia como nos de licenciatura precisa ter as qualidades próprias de qualquer profissional, acrescidas das específicas do professor: bom preparo no domínio do conhecimento de sua área, o que implica também as qualidades de desempenho no trabalho docente, capacidade de relacionamento com alunos e colegas e interesse no próprio desenvolvimento profissional. Tudo isso sobre a

base de um pensamento crítico e de responsabilidade social, inerente a todo cidadão e, portanto, mais ainda, a todo profissional.

ENTREVISTADO 8 (Educação)

R: Uma cultura geral que lhes possibilitasse entender a sua área de atuação no contexto nacional e internacional. Também conhecimentos específicos que os instrumentalizasse para intervir na prática profissional, fazendo avançar a reflexão e as propostas pedagógicas. Indispensável, também, o cultivo de uma postura ética que seja pano de fundo para o exercício profissional e de cidadania.

ENTREVISTADO 9 (Educação)

R: O profissional da área de educação precisa ter uma boa bagagem cultural e isso significa adquirir conhecimentos específicos na sua área de especialidade, mas sobretudo conhecimentos gerais: História, Geografia, Matemática, Física, Química, Biologia, Artes em Geral. Precisa ser um leitor de boa literatura, de jornal, de revista e ser capaz de escrever e de expressar-se oralmente. Precisa ser criativo, flexível, gostar de inovar. Ser capaz de trabalhar com outros, ouvir, acolher, expor-se.

ENTREVISTADO 10 (Administração e Marketing)

R: O profissional de Administração do século XXI deve ter um forte espírito empreendedor, ético, permanentemente atualizado, aberto a novidades e mudanças, comprometido com seu trabalho, ter empregabilidade, ser pró-ativo, participativo, saber trabalhar em equipe, facilidade de comunicação, ambicioso, falar inglês impreterivelmente e, se possível, espanhol.

ENTREVISTADO 11 (Administração)

R: A meu ver o profissional da administração deve ter uma formação multidisciplinar, deve

ser flexível e muito atualizado (usando um termo da área, deve ser um profissional "plugado") sua base de trabalho deve sempre levar em conta os eventos atuais, e ele deve sempre associar a teoria à prática, usando os ensinamentos das teóricas da Administração e aplicando-os a sua empresa.

ENTREVISTADO 12 (Geografia)

R: O profissional em Geografia deve apresentar as seguintes qualidades básicas: a) ter uma base teórica sólida e capacidade de realizar a relação teoria/prática; b) estar apto a realizar trabalho em equipe. Como professor, ter consciência de que a formação do aluno resulta de trabalho coletivo. Como profissional bacharel atuar em grupos interdisciplinares e tornar visível seu papel e contribuição junto às diversas áreas do conhecimento; c) respeitar a pluralidade inerente aos ambientes profissionais; d) estar comprometido com sua formação contínua e buscar atualização dos conhecimentos na área da Geografia; e) ser criativo no resgate de seus conhecimentos visando a aplicação em novas situações da vida profissional; f) ser ético e "generoso" no aprimoramento de seus pares, visando ao crescimento do grupo.

ENTREVISTADO 13 (Biblioteconomia)

R: Acredito que esse profissional formado no curso de Ciência da Informação com Habilitação em Biblioteconomia deve responder cada vez mais a uma sociedade complexa e com realidades sociais diversas. Esse profissional é um agente de mudança, um educador e um promotor da cultura e do conhecimento. Deve ser "imune ao individualismo" já que trabalha para e na comunidade. Deve ser também competitivo porque administra o poder da informação. Deve ser cooperativo porque está integrado em equipes de distintas especialidades com fins diferentes voltadas para o desenvolvimento e o futuro.

ENTREVISTADO 14 (Jornalismo)

R: A principal qualidade de um jornalista, a meu ver, é o apreço pela informação e a crença de que fazê-la circular é altamente relevante para a vida em sociedade. Isso exige espírito público do candidato, o desejo de trabalhar em prol dos outros, da comunidade, antes de si mesmo. Exige uma postura ética, portanto. E requer atributos como a curiosidade aguçada sobre todos os assuntos, a capacidade de fazer análises e correlações entre fatos díspares, o distanciamento crítico e a isenção de espírito permanentes, a capacidade de expressão nas mais variadas linguagens, entre outros tantos que poderiam ser citados.

ENTREVISTADO 15 (Economia)

R: Uma sólida formação analítica - o que inclui substancial espírito crítico quanto aos limites de aplicação dessas construções ou modelos ao mundo real, em especial nas condições que vigoram no caso brasileiro. Em contraponto, o que observo é uma formação que enfatiza o conhecimento analítico apenas pelo seu lado estético, em suas formalizações matemáticas, e por seus conceitos rebuscados. São alunos que vivem a falar uma linguagem em voga na literatura corrente da Economia, sem se dar muito conta se isso tem ou não aplicação relevante ao mundo real, ou se isso não passa de modismo que tem um fim facilmente previsível, logo sendo substituído por outras palavras-chave que tentam sinalizar "atualidade do conhecimento", "vanguarda acadêmica", e nada mais. Encontro, por exemplo, alunos que falam da criminalidade do Rio de Janeiro sob a perspectiva da "garantia de direitos de propriedade", da "solução de second best", e outras coisas do gênero, sem se darem conta que isso afinal nada acrescenta à compreensão dos fenômenos do mundo real. Diria mesmo que é uma espécie de percepção do burguês de Molière que acabará descobrindo que falam em prosa... Esse vício me parece tanto mais grave quando se observa a cultura da pos-graduação.

ENTREVISTADO 16 (Serviço Social)

R: O profissional da área de Serviço Social deve ter uma formação intelectual e cultural generalista crítica: capaz de lidar concomitantemente com as várias tendências e demandas do mercado; competente em sua área de desempenho; capaz de inserção criativa e propositiva no conjunto das relações sociais e no mercado de trabalho; comprometido com os valores e princípios éticos; articulador, negociador, flexível, comunicador; atento aos resultados: contribuição de seu trabalho para a organização e à sociedade; formulador, executor e avaliador de políticas sociais e planos / programas / projetos sociais; pesquisador com visão interprofissional e que saiba trabalhar em equipe.

ENTREVISTADO 17 (Direito)

R: O profissional do Direito deve ter uma consolidação humanística que foge do cotidiano da mera aplicação/interpretação das leis. Assim, disciplinas que foram suprimidas do Curso de Direito deveriam ser retomadas ou/e ampliadas, como por exemplo, Filosofia do Direito, Teoria Geral do Estado, Direito Romano, História do Direito.

ENTREVISTADO 18 (Administração)

R: Os formandos em Administração deverão ter, além das informações inerentes ao curso, conhecimento de outra língua, de informática e generalidades em economia e gestão empresarial para ter sucesso ou vez na carreira.

QUESTÃO 2 – Como você vê a questão: despreparo dos estudantes *versus* exigência de qualidade nos cursos da sua Área?

ENTREVISTADO 1

R: Seria preciso discutir os conceitos de “despreparo dos estudantes” e de “qualidade”,

que têm sido usados ideologicamente. Se entendemos a qualidade numa perspectiva social, a questão do despreparo do estudante deveria ser discutida na perspectiva da busca da construção dos sentidos públicos da formação. Se entendermos a “qualidade” numa perspectiva tecnicista, nosso trabalho deveria consistir em corrigir as deficiências mediante boas técnicas ou métodos. Se entendemos “qualidade” como quantidade de produtos, então teríamos que buscar aumentar a produtividade. Antes de mais nada, devemos discutir o conceito de formação - que é a principal finalidade da educação. Talvez o “despreparo do estudante” seja mais o resultado dos desajustes de grande parte da sociedade relativamente aos critérios estabelecidos pela burocracia estatal e educacional. Mais uma razão para não separar a educação superior dos demais níveis educacionais. Especialmente a área de educação tem um campo enorme de atuação, no sentido de melhorar a qualidade dos níveis anteriores, especialmente das escolas públicas.

ENTREVISTADO 2

R: Não há dúvida de que o repertório cultural dos jovens que acedem à Universidade, cada ano, tem-se revelado às pesquisas cada vez mais fragilizado, até em decorrência da expansão quantitativa das vagas, mas também pela banalização geral da cultura, o que tem atingido significativamente o ensino básico no país. Não estou muito convencido de que haja muita exigência de qualidade nos cursos da Área. O que se tem visto é a queda do padrão de qualidade e de consistência do trabalho de ensino nas instituições de ensino superior, em decorrência de um complexo espectro de causas, com destaque para a falta de condições técnico-pedagógicas de trabalho dos professores, do regime de contratação, passando pelo rebaixamento salarial, chegando ao equivocado modo como se tem lidado com o conhecimento no âmbito da pedagogia universitária. Baseada num ensino predominantemente informativo e expositivo, não há como tornar fecunda essa

pedagogia. Entendo que ensino e aprendizagem, na Universidade, teriam que ser efetivos processos de construção de conhecimento, realizando-se mediante uma postura investigativa.

ENTREVISTADO 3

R: O maior despreparo é a desorganização do pensamento, tanto no plano retórico como no plano lógico. Independentemente de ser um aluno de exatas ou humanas, via de regra, não consegue elaborar um pensamento complexo superior a uma página de texto ou reter a atenção por mais de quinze minutos.

De um lado, a exigência de qualidade é irreal: quer-se o supereducado, o aluno com todas as competências e habilidades desenvolvidas, que resgatará a democracia e salvará o planeta do desastre ecológico, sempre com consciência ética. Por outro lado, o despreparo do aluno de ensino superior beira o absurdo: não domina os rudimentos da língua e do raciocínio não-verbal, para não falar nas outras inteligências. Em particular, o vazio emocional com que essa pessoa convive é assustadora: muitos não possuem vida interior e vivem objetivados em “coisas”, não admira, portanto, que a escalada das drogas lícitas e ilícitas entre os jovens esteja em ascensão. A droga lhes dá a ilusão de vida interior que nunca aprenderam a cultivar. Nesse aspecto, a religião, ao querer ser concreta, em recusar-se a ser um discurso sobre a interioridade e ser um discurso do sucesso, da benção e da prosperidade, deixou de cumprir seu papel, complicando ainda mais a situação da escola como espaço da reflexão cultural.

ENTREVISTADO 4

R: As recentes mudanças no sistema educacional brasileiro, preocupados em melhorar os índices oficiais, e ainda a atuação de pedagogos despreparados, fizeram com que a democratização do acesso a escola fosse confundida com a pauperização do ensino e desqualificação do saber. Decorrente disto,

naqueles cursos nos quais a demanda é pequena, o vestibular não exige preparação e nem realiza uma seleção. Os cursos de licenciatura ainda têm um outro problema: alguns os procuram por considerá-los “mais fáceis” e não porque o desejam realmente. Frente a isso, creio que a atitude mais correta é não abrir mão da qualidade. Mas, para manter isso, o primeiro ano do curso é fundamental e nele as preocupações básicas devem ser: retomar conteúdos, ensinar técnicas de estudo e pesquisa, e procurar diminuir os desnivelamentos.

Para isso, o número de alunos em sala de aula precisa ser menor nas séries iniciais (podendo ser maior no período final). Para oitenta ou cem alunos não se dá aula e sim palestra. Para a recuperação, é necessária u’a maior aproximação. Entretanto, pouco de consegue se o aluno não estiver disposto a estudar e não confiar nas propostas dos professores.

ENTREVISTADO 5

R: Acredito que não se deva baixar o nível de exigência para adequá-lo aos alunos menos preparados, mas, ao contrário, orientar e oferecer apoio pedagógico ao aluno com dificuldades para que este consiga responder positivamente às exigências postas. É importante que haja cobranças em relação a certo padrão de qualidade, pois isso resulta num aumento da produtividade do aluno e estimula seu crescimento pessoal.

ENTREVISTADO 6

R: Temos percebido que os alunos ao ingressarem na Universidade estão apresentando muitas lacunas, tais como dificuldade para lerem e compreenderem o que lêem, medo e resistência para escreverem, dificuldades para elaborar uma síntese, para estabelecerem relações entre os conceitos trabalhados ou para em construírem um resumo, um visível descompromisso com sua formação. Os alunos de forma geral lêem poucos livros fora da área da educação. Essas defasagens têm exigido de nós, professores do

quarto ano orientações e acompanhamentos freqüentes na tentativa de superá-las. Constatamos que um número razoável de estudantes não tem incorporado durante o curso as qualidades que consideramos prioritárias e que aponte na primeira questão.

ENTREVISTADO 7

R: Com relação à exigência de qualidade nos nossos cursos, vejo como questão de grande responsabilidade e desafio para nós mesmos, professores, coordenadores, administradores da universidade. Se estamos convencidos da evidente necessidade de facultar o acesso de novos estudantes ao nível superior, precisamos pensar e agir no sentido de encontrar meios que lhes garantam o sucesso na travessia desses estudos e não apenas em sua entrada.

ENTREVISTADO 8

R: É preciso discutir sobre a idéia genérica do “despreparo”. Despreparado para que? Em que sentido? Penso que há tensões nas expectativas e isso leva a idéia de despreparo. Do lado da universidade há uma dificuldade de mudança; precisaria ela entender melhor quem é o jovem com quem trabalha. Mantém-se, muitas vezes, procedimentos metodológicos pouco interessantes e conteúdos sem significado para os aprendizes. Do lado dos estudantes, a condição do alunos trabalhador traz limites culturais e temporais. O mais grave, porém, são as políticas públicas que vêm reduzindo a universidade ao atendimento do mercado, interferindo no imaginário dos estudantes e professores.

ENTREVISTADO 9

R: Os estudantes que chegam ao ensino superior não gostam de ler, escrevem mal, querem um diploma sem ter que fazer muito esforço. O professor desses estudantes tem que encontrar formas de motivá-los: propor atividades que os levem a ser criativos, a desenvolver projetos, a

implementá-los. Tem que desenvolver nesses alunos o gosto pela leitura e pela escrita.

ENTREVISTADO 10

R: Entendo que há 3 problemas: O primeiro é a falta de base nos cursos de 1º e 2º graus. O segundo é que o vestibular que no passado era Exame de Habilitação, hoje aprova com qualquer pontuação, fazendo com que o funil se dê **dentro da faculdade**. O terceiro é a falta de perspectiva que atualmente domina o aluno em relação ao seu futuro profissional.

ENTREVISTADO 11

R: Vejo como algo bastante preocupante e penso sempre em como estes alunos terão dificuldades em enfrentar o mercado de trabalho – o “mundo real”. Tento passar aos meus grupos alguns aspectos referentes a esta dificuldade, tentando prepará-los para isto, mas sou mal interpretada (eles vêem isto como “bronca”) e eles não se interessam – cerca de 5% os recebem bem e já começam a utilizá-los. Nestes casos eu comento o sucesso que têm em conseguir seu primeiro emprego, promoções, e fico feliz em poder dizer que estes alunos vêm me agradecer!

ENTREVISTADO 12

R: Os estudantes têm mostrado certo despreparo ao ingressarem no curso. O 1º semestre tem sido difícil. De modo gradativo chega-se à sintonia ente os conteúdos disciplinares, as expectativas e a formação anterior dos jovens. Há uma distância significativa entre a produção acadêmica e os diferentes níveis de ensino. A produção científica na área da Geografia permanece ainda muito distante da Geografia escolar. A aproximação entre a produção científica e o cotidiano das escolas traz benefícios para ambos os lados. O professor dos níveis fundamental e médio tem muito a aprender com

a Geografia acadêmica e muito podem contribuir com sua prática de sala de aula.

ENTREVISTADO 13

R: Sabe-se que a grande maioria dos alunos chega à universidade totalmente despreparada. Muitos deles não têm certeza sobre a sua vocação. Dessa maneira, os professores, via instituição, têm que oferecer a esses estudantes ensino qualificado, motivação e condições de aprendizado. A tarefa é, pois, árdua e tem que ser constante..

ENTREVISTADO 14

R: Os estudantes chegam ao curso de jornalismo efetivamente despreparados para aproveitá-lo, na maioria dos casos. Falta a capacidade mínima de expressão (falam mal e escrevem pior ainda) e a capacidade de contextualização, porque lêem muito pouco. Mas os cursos, em geral, também estão longe de oferecer qualidade e de exigir dos alunos uma postura séria. Não se cobra leitura, não há rigor na proposição e na correção de trabalhos, não se avalia bem o aproveitamento, não se orienta o aluno a contento. A insuficiência, portanto, encontra-se com a leniência e o resultado normalmente é deficiência, incompetência.

ENTREVISTADO 15

R: O despreparo nem sempre é dos estudantes, mas também resulta da “cultura” que vigora nos programas acadêmicos. Não há qualquer preocupação com a didática do ensino superior, será que o formato desta ou aquela disciplina é o melhor, desse ponto de vista do ensinamento mais apropriado a um aluno de graduação ou pós-graduação? Lembro-me que há muitos anos, um professor de Física aqui na PUC-Rio convidou todos os professores da Universidade a comparecerem a um debate sobre didática no ensino oferecido na PUC. Só compareceram uns 5 ou 6 professores ... igualmente, lembro-me de um tempo em que os

alunos da graduação de Economia padeciam sob um ensino de Matemática que era talhado para uma platéia de engenheiros ou físicos. Só, muitos anos depois, deu-se conta de quão impróprio isso era para o bom aprendizado. Enfim, tão ruim quanto ter alunos despreparados e lidar com alunos no pressuposto de que eles devem simplesmente serem papagaios repetidores da última moda de Harvard ou MIT. Eles acabarão se revelando bons economistas no sentido convencional de serem exímios praticantes das técnicas mais atuais da ciência que estudam, mas pouco acrescentarão ao desenvolvimento da ciência em sua aplicabilidade aos casos complexos do mundo real que os cerca. Já assisti a argumentos de enorme validade para a economia de um país de primeiro mundo sendo enfatizados como se fossem percepções triviais no mundo dos emergentes. Por esse caminho, acaba-se por misturar óticas descritivas e normativas, impunemente.

ENTREVISTADO 16

R: O despreparo dos estudantes está relacionado com sua história de vida, formação educacional anterior à universidade, baixo capital cultural. Aluno que dedica maior tempo ao trabalho (recebe baixo salário), restando-lhe poucas horas para seus estudos e sua família. Essa situação interfere na qualidade do Curso de Serviço Social:

a) baixo capital cultural: o curso exige conhecimento e apreensão da realidade sócio-econômica-cultural-política que gera o empobrecimento da população da região e do país; exige conhecimento das políticas sociais e de intervenção nas questões sociais – objeto do conhecimento e ação do Serviço Social; b) trabalho/baixo salário: dificuldade de aquisição de livros e outros materiais para seu aprendizado; c) tempo restrito para pesquisa, estágio e outras atividades.

ENTREVISTADO 17

R: O ensino médio não seduz o aluno para a leitura. Conseqüentemente, temos acadêmicos

com péssimo português, o que traduz dificuldade de expressão e de compreensão de livros técnicos.

ENTREVISTADO 18

R: Exige-se qualidade de ensino a alunos que vem sem base e despreparados para cursar qualquer faculdade. O professor, por mais dedicado e competente que seja, não consegue a qualidade que desejaria para o sucesso de sua matéria.

QUESTÃO 3 – Qual o significado que você atribui ao PROFESSOR no momento atual, especialmente no que se refere à formação de jovens e aos problemas que o país vem enfrentando?

ENTREVISTADO 1

R: O professor tem enorme valor e responsabilidade, hoje. Já que a escola - penso sobretudo na educação superior - não tem mais o monopólio do conhecimento, e uma vez que este e os seus meios de acesso se modificam muito rapidamente, cabe ao professor sobretudo a tarefa de ensinar a pensar e de aprender a aprender. Em outras palavras, deve haver de fato um deslocamento do foco do ensino para a aprendizagem. Mais que acumular conhecimentos, compreender os fundamentos de cada área, fomentar a capacidade de refletir, participar criticamente, enriquecer os meios de acompanhar continuamente a evolução técnico-científica, de compreender as transformações do mundo e exercitar de modo ativo as prerrogativas da cidadania.

ENTREVISTADO 2

R: No meu entender, o significado do professor continua fundamental no que se refere à formação dos jovens, até pela natureza dos problemas enfrentados pela comunidade humana. Mais que nunca o papel do professor se toma mais relevante. No entanto, resta saber se ele

dispõe das condições para exercê-lo. Toda a retórica pós-moderna de hipervalorização dos novos meios de comunicação não passa de uma cortina de fumaça, pois esses meios sem um professor qualificado nada podem fazer senão condicionar na banalidade. A interação pedagógica, em todos os níveis e modalidades de ensino, é insubstituível no processo de formação humana, obviamente estou pressupondo que o professor tenha tido igual formação.

ENTREVISTADO 3

R: Um significado limitado, quase nulo. A figura isolada do professor foi facilmente aniquilada pelo sistema escolar capitalista. O professor não é um sacerdote, mas um proletário. Como todo proletário na dinâmica capitalista – e isso inclui ainda o século XXI – sofre a alienação de seu trabalho, só que de uma forma mais forte e mais agressiva: é a alienação do seu pensamento. Enquanto o professor pensar que sua prática é salvífica, ele permanecerá fora da história. Não é por que lida com um “bem” intangível, que é o conhecimento, que o professor está acima das determinações da dinâmica econômica. Infelizmente, os professores preferem responder a essa realidade histórica com o ressentimento e não com a participação. Somente quando os professores, a começar pelos professores doutores das universidades públicas brasileiras, compreenderem que defender a universidade pública não é defender o emprego e a estabilidade da “nata” intelectual brasileira e sim defender uma instituição de democratização do conhecimento, aí poderemos falar em significado do professor. Dialeticamente, os professores do sistema de ensino superior privado têm uma noção bem mais clara de sua situação, pois lidam diariamente com a escola-empresa, aqui não excluo as filantrópicas, que não se escondem sob a capa de democracia do Estado, que oprime sem pudor, pois se é empresa, é para dar lucro, mesmo sem que consiga justificar ao aluno que paga e ao professor que vive de salário de onde é que esse lucro vem. Essa é uma das maiores e fecundas contradições do ensino superior brasileiro.

ENTREVISTADO 4

R: Permanece importante no âmbito escolar, mas sua atuação deve ficar restrita àquilo que é inerente à sua profissão. Ele não pode ser o responsável pela resolução de certos problemas que a família e a sociedade não têm sido capazes de solucionar. Para os jovens, notadamente no ensino médio (que foi minha principal área de atuação), a postura do professor é importante. Entre as características desta postura, podemos elencar: atitudes coerentes no lugar de sermões; crença na vida e em uma sociedade mais justa; respeito aos alunos, não deixando de preparar as aulas; vinculação do conteúdo à vida, no sentido de transformá-la para melhor; valorização da desigualdade dos seres humanos, não da sócio-econômica, e sim do respeito às diferenças; ser político, mas não partidário. Além disso, é preciso saber que o seu papel se modificou, que a realidade é hoje mais complexa. Não cabe mais ficar restrito a informações isoladas. Descrições, dados, fatos, etc, a mídia mostra de modo mais competente. Precisamos ser capazes de mostrar o oculto, estabelecer liames, enfrentar a (falsa) unilateralidade da realidade.

ENTREVISTADO 5

R: Em meio a tantas inovações tecnológicas, o professor continua a ser insubstituível, inclusive para preservar a dimensão humana e intersubjetiva da relação pedagógica, especialmente no que diz respeito à formação educacional num sentido amplo. Por mais avançados que sejam os recursos tecnológicos, aspectos como a formação ética, o debate cultural, a troca de experiências e a orientação pessoal, não podem prescindir da relação face a face entre educador e educando.

ENTREVISTADO 6

R: O professor tem hoje um papel relevante, uma vez que pode dar sua contribuição para a

formação dos jovens analisando e refletindo com eles sobre os valores necessários à uma vida mais digna para todos e para a construção de uma sociedade mais justa. Pode também por meio do conhecimento trabalhado possibilitar o desenvolvimento da capacidade de pensar, questionar, decidir e agir sobre o mundo e sobre si. O professor pode ser uma referência numa sociedade tão desestruturada como a nossa, na qual a ênfase recai sobre o individualismo, o ter, ou seja, o consumir desenfreadamente, o usar as pessoas e descartá-las quando aprouver, o desejo de ser "o melhor," mesmo que para isso precise destruir aqueles que impedem, a ausência de solidariedade.

ENTREVISTADO 7

R: O professor continua figura de importância central no que se refere à formação de jovens, como sempre o foi. Particularmente agora ele desempenha papel fundamental, pois é possivelmente o elo básico entre os jovens e a busca de conhecimentos que precisam e merecem possuir, a partir do seu próprio esforço de construção (de si próprios), com o estímulo do professor que os encaminha nessa construção.

ENTREVISTADO 8

R: O professor tem um papel importante porque, apesar da revolução da informação que está em curso, a educação escolarizada ainda é o esteio de uma nação democrática. Infelizmente o professor vem sendo desautorizado na sua condição profissional pelas precárias condições de trabalho e pela lógica pragmática da produtividade que o avalia levando em conta, principalmente, sua condição de dar respostas aos modelos externos. Retira-se dele a condição de autoria, principal capacidade de um profissional competente.

ENTREVISTADO 9

R: Como minha área é educação, o PROFESSOR é o profissional que tenho em

mente ao responder a pergunta I: tem que ser autor de seu ofício de mestre; compreender o valor do seu papel e querer desempenhá-lo, acreditar na capacidade da criança e do jovem, convencer-se de que a grande maioria dos alunos é capaz de aprender se lhes forem dadas as condições necessárias. Estar sempre estudando, aprendendo e estar aberto ao diálogo.

ENTREVISTADO 10

R: O professor precisa ganhar a confiança de seus alunos para poder, além de ensinar a aprender, passar as informações atinentes ao curso, preparar o jovem como cidadão, mas sempre ficando neutro com relação a bandeiras político partidárias.

ENTREVISTADO 11

R: Como professora acho que meu papel é também o de orientar os alunos sobre as dificuldades do mercado de trabalho – tenho feito isto de forma “indireta”, usando como apoio à teoria estudos de casos de revistas como Exame e Você S.A. Peço que meus alunos analisem os eventos atuais usando como base teórica os fundamentos da Administração – alio a teoria à prática. Meu objetivo é gerar questionamentos e estimulá-los a buscar soluções para problemas. Com isto espero que esteja ajudando a formar “cabeças-pensantes” e não somente pessoas que “fingem que aprendem” para tirar a média na avaliação e “passar de ano”. Tenho recebido feedback positivo de alunos mais interessados, em especial dos alunos do período noturno que já trabalham.

ENTREVISTADO 12

R: O ensino deve estar comprometido com a formação do cidadão. O profissional da Geografia busca conhecer a sociedade por intermédio da análise do fenômeno espacial. No processo de aprendizagem, o papel do professor é de mediador, a sua relação com o aluno é de parceria. O

trabalho de inserção do jovem na realidade sócio, econômica, cultural e profissional em que vive também é tarefa do professor. Esta inserção promove a consciência da sua contribuição como profissional tendo como base o país em que vive. Para que tenha uma boa formação o jovem deve estar consciente de seu tempo. O professor pode realizar isso através de conteúdos disciplinares focados nesta realidade ampla.

ENTREVISTADO 13

R: O professor, no momento atual, significa ser um facilitador de um caminho cheio de dificuldades, mas também de grandes descobertas. Ele precisa acreditar no sucesso de seus alunos e, especialmente compreendê-los dentro da sociedade atual. Ao professor que a sua profissão essa tarefa é gratificante.

ENTREVISTADO 14

R: O professor e a escola perderam há tempos a exclusividade no processo de formação dos estudantes. As mídias disputam espaço com eles. Com o grande desenvolvimento das tecnologias da informação, é muito mais factível ser autodidata hoje, ou depender menos do professor, do que em tempos pregressos. No entanto, o papel de orientador, de emulador e fornecedor de exemplos de postura segue inabalável para o professor. É o que o torna ainda indispensável, a figura central do processo de ensino-aprendizagem.

ENTREVISTADO 15

R: Há que reavivar em alguns - e incutir em boa parte desses jovens alunos - um “espírito de inconformismo” à la Bernard Shaw. No caso da Economia, isso é patentemente necessário porque os problemas econômicos são discutidos amplamente no dia a dia da mídia, onde aparece uma argumentação grotesca de mãos dadas com lobismo disfarçado. Se o leitor - aluno - não tem uma formação analítica apropriada à

discussão do tema em causa, ele simplesmente elege que tipo de ideologia (ou de jornal ou de articulista) que ele passará a seguir, acrescentando esses pontos de vista superficiais à sua cultivada e esnobe linguagem. O que mais tem me espantado na juventude de classe média alta, com a qual eu lido, é a sua passividade intelectual. Não se entenda, no entanto, ser esse um fenômeno trivial ou elementar em sua compreensão. A passividade decorre da tal “estética” a que fiz menção na minha resposta à Q1, acima, aliada ao egoísmo social que pode levar a economistas e a seus alunos a falarem sofisticada e iradamente em prol do combate à pobreza, mas com um total descompromisso, pois que eles se vêem externos a esse fenômeno. Quase sempre a desconsideração de variáveis institucionais nesses modelos analíticos é uma forte razão para tal atitude.

ENTREVISTADO 16

R: Um professor envolvido em um processo de ensino-aprendizagem em que o aluno e o professor são sujeitos do mesmo, criando em conjunto, trocando saberes, dialogando. Para isso o papel do professor deve ser de: comunicador, articulador, facilitador, investigador, avaliador, cooperador.

ENTREVISTADO 17

R: Atualmente ocorre uma decadência no relacionamento aluno-professor. Acredito, isto também atribuo ao ensino médio, que os alunos a cada ano que entra demonstram-se menos respeitosos. Na Faculdade de Direito acredito que disciplina é basilar, na medida em que os futuros profissionais adentrarão um mundo bastante conservador.

ENTREVISTADO 18

R: O professor, em face dos problemas econômicos e da falta de estrutura moderna de ensino em nosso país, tem que estar possuindo

de espírito criativo e ser dinâmico, independente de regras obsoletas que lhe são impostas.

QUESTÃO 4 – Em sua Área, como você vê a perspectiva de um trabalho interdisciplinar? Comente experiências que tenha realizado.

ENTREVISTADO 1

R: A perspectiva da interdisciplinaridade deve ser incentivada como exigência forte da compreensão global que articule as diversas análises particulares e especializadas. É esta a visão predominante, por exemplo, dos Cursos de Pós-Graduação em Educação que valorizam o trabalho como projeto comum do conjunto do corpo docente. É esta a visão de currículo. Entretanto, dificilmente se pratica a integração interdisciplinar na educação superior. A fragmentação é fortalecida, dentre outros fatores, pelas práticas avaliativas adotadas, que privilegiam rendimento em disciplinas especificasse, desempenho individual em pesquisas, por exemplo.

ENTREVISTADO 2

R: A aceitação e a sugestão da prática interdisciplinar, no âmbito da área educacional, são defendidas universalmente por docentes e alunos. Mas é mais uma afirmação teórica imediatamente contraditada pela prática efetiva. Não fui, ao longo dos meus 36 anos de magistério superior, e continuo não sendo atualmente, testemunha concreta de experiências de trabalho interdisciplinar. A pedagogia universitária, na minha percepção, é uma atividade extremamente solitária. O que vejo é cada professor fazer, sim, um grande esforço em apresentar seu ensino sob uma perspectiva interdisciplinar, mas isso é um investimento interno a sua atividade pessoal. Trabalhos interdisciplinares – conduzidos em função de um projeto educacional coletivamente elaborado, assumido e desenvolvido – creio que

ainda não fazem parte de nosso cotidiano universitário, até onde pude observar.

ENTREVISTADO 3

R: Sou uma “pessoa” interdisciplinar pela minha formação em Filosofia, Pedagogia e Engenharia de Computação. Uma das experiências mais gratificantes que tenho atualmente é ministrar a disciplina “Informática aplicada à Educação” ora no curso de Pedagogia, ora no curso de Ciência da Computação. No primeiro caso, interagindo com disciplinas como a “Didática” e “Educação e Sociedade”, no segundo caso, interagindo com “Multimídia”. Nos dois cursos, sou um estrangeiro, passo pelos mesmos estranhamentos e dificuldades. A nenhum dos dois lados o processo é fácil. Infelizmente a escola é pensada como uma grade televisiva, cada disciplina tem o seu “programa” e até a estrutura administrativa tem dificuldades em enxergar como é possível superar essa divisão e criar propostas de aulas com dois ou três professores em sala. Observo os equívocos e preconceitos da “transversalidade”. Muitos percebem que a Filosofia é transversal à Matemática, mas não conseguem ver que a Matemática é transversal à Filosofia. O professor de História pode falar de Ética, mas não se substitui a História pela Ética. Acho interessante essa interdisciplinaridade e essa transversalidade que sempre dá um caráter acessório a uma das disciplinas. Não há lógica alguma nisso, apenas preconceito. Embora a ciência tenha sido pensada para superar os preconceitos.

ENTREVISTADO 4

R: Interdisciplinaridade é a tentativa de integração de conteúdos de diversas ciências, mas a partir do conhecimento profundo dos especialistas das mesmas. Nela não se perde a identidade, mas se busca a totalidade do fenômeno (e não de todos os fatos), é a possibilidade de entender a presença do todo nas partes, compreender como as partes específicas estão entre si relacionadas, para se ter uma visão

de conjunto. Como o objeto da Geografia é o espaço produzido, é o estudo da sociedade sob o ângulo espacial, as possibilidades de atividades interdisciplinares são muitas. No ensino médio (e procurando demonstrar/analisar estas atividades na preparação de professores, no ensino superior) integrei experiências significativas como, entre várias, o estudo da Ásia Ocidental ou Oriente Médio (com diversas disciplinas, inclusive Matemática) e a análise da década de 1960 no Brasil (com História, Filosofia, Literatura e Educação Artística). Antes de me desligar do ensino médio em 1999, elaborei uma proposta (publicada em Cadernos do ICH–PUC-Campinas, nº10, e intitulada Canudos: a guerra nas caatingas) sobre um trabalho interdisciplinar a respeito de Os Sertões, de Euclides da Cunha, que envolveria Literatura, História, Biologia e Geografia; infelizmente, não foi aplicada, o que me impede de avaliá-la. O mais importante (e realizado diversas vezes) foi um trabalho com Literatura, no estudo da região Nordeste, através da análise de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, que sempre foi gratificante. Entretanto, a interdisciplinaridade não é possível de ser realizada com professores que não se reúnam, que não estudem juntos, que se fecham no casulo de suas disciplinas e que consideram a sua área mais importante que as outras.

ENTREVISTADO 5

R: O trabalho interdisciplinar tem papel fundamental tanto na superação de pontos de vista demasiadamente parciais, resultantes da fragmentação do saber, como para a realização de projetos em colaboração enriquecidos pela integração de diferentes perspectivas de análise. Contudo, Projetos interdisciplinares devem brotar de necessidades reais. A melhor experiência que já vivenciei a esse respeito foi uma Semana de Estudos, realizada quando trabalhava na Universidade Federal de Uberlândia, MG, sobre “A questão do método”, envolvendo docentes dos Departamentos de Filosofia, Economia, História e Ciências Sociais.

ENTREVISTADO 6

R: Eu vejo que trabalhos interdisciplinares são bem significativos e necessários ao momento atual. Esses trabalhos podem romper com a formação fragmentária, compartimentalizada que tem ocorrido na Graduação. Na Habilitação conjunta de Orientação Educacional e Supervisão Escolar, com a qual trabalho, todas as disciplinas são desenvolvidas tendo como núcleo articulador os estágios supervisionados. O trabalho de conclusão de curso é elaborado a partir de um problema identificado no local do estágio, articulado às concepções de sociedade, homem, educação, escola e coordenação pedagógica que o aluno compartilha. Além disso, o discente constrói uma proposta de intervenção, procurando sugerir uma maneira de superar a problemática levantada. As disciplinas fornecem durante todo o curso conteúdos que subsidiam essa produção. Todos os professores estão por dentro dos planos de ensino de seus colegas, o que permite estabelecer relações entre as áreas de conhecimento. Considero essa proposta como um exemplo de trabalho interdisciplinar, e que é assim considerada por todos os alunos que cursam esta habilitação.

ENTREVISTADO 7

R: Considero o trabalho interdisciplinar difícil em todas as áreas. Tive ocasião de participar de uma experiência muito proveitosa de aproximação entre diferentes departamentos com a criação e o desenvolvimento de um curso de licenciatura para portadores de diploma de engenharia, na PUC-Rio. Com a colaboração dos Departamentos de Matemática, Física e Química e ainda o Departamento de Educação montamos o novo curso iniciado em 1999, portanto, em seu 4º ano. Uma experiência muito desafiadora e interessante, com lições positivas e negativas.

ENTREVISTADO 8

R: Não tenho uma experiência interdisciplinar de ensino que objetivamente possa relatar. Creio que a educação é um campo interdisciplinar

por natureza. Minha principal inserção nessa perspectiva se dá com os alunos de metodologia do ensino superior oriundos de campos científicos diferenciados, que me obriga a uma parceria reflexiva. O mesmo vivo quando oriento dissertações de mestrandos que são professores universitários de diferentes cursos.

ENTREVISTADO 9

R: Trabalho interdisciplinar é a coisa mais difícil do mundo! Não tenho experiências a relatar, mas já atuei em vários espaços em que se tentou o trabalho coletivo, em que pessoas de diferentes áreas procuraram desenvolver objetivos comuns, mas o processo foi sempre muito difícil e os resultados desanimadores. A não ser a escola experimental da Lapa, em que atuei no final dos anos 60, que consegui algum êxito no desenvolvimento de objetivos e projetos comuns.

ENTREVISTADO 10

R: O mercado e o futuro profissional do aluno exigem uma interdisciplinaridade. Nenhuma matéria sobrevive isolada. Como em minha Unidade não está havendo muita possibilidade de reuniões interdisciplinares, isto está ocorrendo por ocasião da preparação da Prova Integrada. Eu, particularmente, tenho procurado conhecer as ementas das outras matérias e, trocar idéias com os professores sobre o planejamento que eles têm preparado e qual a metodologia de ensino que tem sido utilizada.

ENTREVISTADO 11

R: Acho excelente, e além de tudo recomendável, pois o trabalho em conjunto só acrescenta. Relata duas experiências, uma que foi “combinada” e outra “por acaso”. A combinada ocorre no Instituto de Informática, no Ensino à Distância, onde minha disciplina tem uma parte complementar à de outro professor. Até o início de 2001 trabalhávamos de forma independente, os alunos chegavam até a fazer dois trabalhos bastante parecidos. Através do *feedback* de

uma aluna, conversei com o professor e reformulamos nossas aulas, e hoje eu trabalho como um “apoio inicial”, introduzindo o assunto que ele posteriormente desenvolve. A experiência, por acaso, ocorre na Administração, e eu identifiquei o trabalho em conversa com meus alunos; contatei o professor da disciplina e mais uma vez combinei com ele de “dividirmos” a disciplina, também com sucesso e com críticas positivas dos alunos.

ENTREVISTADO 12

R: A produção do conhecimento no mundo contemporâneo exige olhares multidisciplinares. As questões específicas da atualidade estão articuladas e seu conhecimento só é possível quando se buscam as ligações entre elas. A interdisciplinaridade é hoje uma forma de evitar a fragmentação do conhecimento. Na área da Geografia os trabalhos de campo e os Estudos do Meio constituem instrumentos didáticos de formação do cidadão, são possibilidades de concretizar o “olhar” da Geografia sobre a realidade. Um Curso de Extensão já está formatado no sentido de reunir a significativa experiência do grupo de docentes da Faculdade de Geografia da PUC-Campinas e socializá-la junto a professores dos diferentes níveis de ensino e profissionais interessados.

ENTREVISTADO 13

R: O trabalho interdisciplinar é bastante importante em nossa área que é abrangente (a informação). Profissionais de outras áreas ministram disciplinas de apoio ao conhecimento que se faz necessário em nosso curso. Na faculdade e na vida profissional tive experiências com historiadores, arquivistas, médicos, informáticos e outros, com resultados considerados excelentes.

ENTREVISTADO 14

R: O trabalho em jornalismo é eminentemente interdisciplinar. O jornalista é um

intermediário de informações que procedem dos mais diversos campos do conhecimento. Só consegue cumprir o seu papel se tiver uma relação simbiótica eficiente com as fontes de informação, e com os consumidores dessa informação. Pessoalmente, acabo de vir do trabalho numa campanha eleitoral, onde dirigi um programa eleitoral. Havia jornalistas, cineastas, publicitários, sociólogos, cientistas políticos, psicólogos, administradores, advogados, financistas, todos trabalhando em conjunto.

ENTREVISTADO 15

R: Não creio que o termo “interdisciplinar” tenha ainda o sentido tão forte que apresentava há 15 ou 20 anos atrás. Hoje em dia, as barreiras formais que existiam entre os diversos ramos das Ciências Sociais foram sendo derrubadas, intrinsecamente pelo próprio progresso científico. Isso é muito válido em meu campo de trabalho: qualquer economista é levado a transitar entre os campos do Direito, Ciência Política e Economia, com grande desenvoltura. Do contrário dirá coisas desnecessariamente desatualizadas (esse campo que está na superposição dessas demarcações formais é muito sofisticado e dinâmico) e impróprias para o caso brasileiro (onde uma política econômica pode envolver, por exemplo, substanciais reformulações nas regras da Constituição). De modo que essa tal “interdisciplinaridade” é, hoje, tão óbvia que ela não mais é reconhecida como uma virtude em separado. Diria mesmo que o termo é dispensável, pelo menos na moderna Economia.

ENTREVISTADO 16

R: Imprescindível, mas estamos ainda no estágio multidisciplinar.

ENTREVISTADO 17

R: Acredito na possibilidade de realizar trabalhos mais profundos com a Filosofia e a Sociologia.

ENTREVISTADO 18

R: Em minha área de ensino, como em outras, a interdisciplinaridade é ainda ténue tentativa do professor de boa vontade, pois não há tempo nem espaço para os professores discutirem e imprimirem ações interdisciplinares em suas matérias.

QUESTÃO 5 – Como você encara a proposta das teorias educacionais mais recentes de deslocar a responsabilidade do processo de ensino/aprendizagem, centrada no professor, para o aluno, na direção do *aprender a aprender*?

ENTREVISTADO 1

R: Já respondi parte na questão 3. Entretanto, observo que o *aprender a aprender* não corresponde somente ao aluno, mas também ao professor e a todos os que sempre estão em situação (ou necessidade) de aprender ou melhorar a qualidade/quantidade de conhecimentos etc. A responsabilidade do professor continua enorme, já nem tanto como aquele que detém os conhecimentos e repassa aos alunos, mas agora sobretudo aquele que é capaz de criar as melhores situações e condições de aprendizagem numa sociedade que multiplicou os meios e espaços sociais e individuais dos conhecimentos.

ENTREVISTADO 2

R: Quando essas teorias radicalizam, acho que cometem um equívoco. É claro que centrar a responsabilidade do processo só no professor foi, evidentemente, outro equívoco de nossa tradição pedagógica. No processo ensino/aprendizagem está acontecendo uma interação que pressupõe necessariamente os dois pólos. É certo que a intervenção do professor não tem como produzir mecânica e automaticamente a aprendizagem do aluno, pois é só o aluno que pode vivenciar a experiência da aprendizagem. E

uma vivência do conhecer profundamente pessoal. Mas para chegar a essa vivência, ele precisa da interação com seu mundo cultural, da qual o professor é um mediador imprescindível. *Aprender a aprender* deve ser entendido como construir conhecimento, refazer o conhecimento já feito, para se apropriar de seu significado. Daí a necessidade da postura investigativa. Mas isso não ocorre sozinho, é sempre compartilhando.

ENTREVISTADO 3

R: Não considero isso um deslocamento, porque a origem da educação escolar foi exatamente essa: a alfabetização, que é a ferramenta fundamental do *aprender a aprender*. Há, porém, um repertório amplo para o professor como centro do processo de aprendizagem. Poderá dar ênfase à autoridade. Um modelo patriarcal gostaria disso. Poderá dar ênfase à amizade, o que agradaria a um modelo não-diretivo. O professor é o diferente, o outro e, muitas vezes, o adversário. O inimigo necessário para que se aprenda a aprender no conflito, até isso ele pode ser. O que não se pode afirmar é que o *aprender a aprender* esteja elencado dentro de processos de aprendizagem espontânea, porque espontaneamente preferimos seguir os condicionamentos sociais de forma positiva (imitação) ou negativa (rebeldia) do que imaginar novas soluções, que é o foco da aprendizagem. O professor até pode deixar o centro do palco, pode ir para a platéia, mas o olhar do educando vai segui-lo, encontrá-lo e buscar a aprovação; completar o processo de *aprender a aprender* é ser autônomo a ponto de trazer esse olhar externo do educador para dentro de si; tornar-se professor de si mesmo; mas, para que o aluno consiga consolidar esse processo, ele precisa de um outro que o ajude a introjetar esse professor.

ENTREVISTADO 4

R: Sinceramente, não vejo muita novidade. A proposta de que o aluno precisa *aprender a aprender* é antiga. Deslocar a responsabilidade

centrada no professor para uma centrada no aluno, dependendo do entendimento disto, é incorrer no mesmo erro. Um dos grandes problemas da educação sempre foi o autoritarismo docente quanto à imposição de verdades, sem as causas (“é por que é”, “é por que eu estou dizendo”), sem diálogo, desconectadas de um processo histórico de criação da ciência (como se já tivessem sido estabelecidos no Gênesis), sem a colocação de posições divergentes. A sala de aula é diferente em cada bairro ou de um curso para outro; é, normalmente, um encontro/confronto entre grupos heterogêneos. Muitos pedagogos têm dado uma importância exagerada ao aluno como sujeito de sua aprendizagem, como se ele fosse um “self-made schoolboy”. Ora, quem organiza a possibilidade deste aprender é o professor; é ele o grande proponente de questões (esta é a mudança; antes ele oferecia soluções definitivas). E se este professor já trilhou o processo de construção de sua disciplina, pode ajudar na busca de outros caminhos ou de como se safar nas encruzilhadas. Insisto que, para poder realizar isto, o professor deve possuir uma teoria, pois, sem ela não se caminha. A teoria é o pressuposto, é o que dá competência para agir e, principalmente, para improvisar (aqui significando criatividade para alterar a rota, para se chegar ao proposto no início). E continuo concordando com a última frase de minha dissertação de mestrado em Educação: “*E, uma das finalidades essenciais do ato de educar é provocar o pensar, pois tudo o que se aceita a priori como definitivo não ilumina e, sim, cega, oblitera a razão*”.

ENTREVISTADO 5

R: Do meu ponto de vista não se trata de deslocar a responsabilidade do professor para o aluno, mas adotar uma nova concepção da relação ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, novos procedimentos pedagógicos. Dentro dessa nova perspectiva a responsabilidade professor aumenta, pois ele passa a responder não apenas pela transmissão daquilo que ensina, mas também pela aprendizagem do aluno. Um curso,

por mais brilhante que seja, só pode ser considerado bem sucedido se o aluno aprende. O ponto mais positivo dessas teorias reside na ênfase na autonomia do aluno, isto é, não se trata apenas de assimilar determinados conteúdos, mas adquirir um instrumental teórico-metodológico que capacite o educando a trabalhar por conta própria. Entendo que a aquisição da autonomia intelectual é um processo que ocorre ao longo dos vários níveis de ensino, indo de um grau maior de dependência nas séries iniciais, para uma progressiva aquisição de autonomia durante todo o processo de escolarização.

ENTREVISTADO 6

R: Deslocar a responsabilidade do processo ensino-aprendizagem, centrada no professor, para o aluno, na direção do *aprender a aprender* poderá de forma sutil, porém drástica esvaziar o papel e a mediação do professor no processo de aprendizagem. Cabe a nós formadores cuidarmos para impedir tal aberração e repensarmos que essa ênfase no *aprender a aprender*, é uma maneira camuflada de destituir a autoridade e responsabilidade necessária do docente frente ao processo de ensino e aprendizagem. Esse foco no aprender a aprender tem sido uma constante nos documentos oficiais e nas diretrizes para os cursos de formação.

ENTREVISTADO 7

R: Creio que já avancei minha resposta quando apresentei minha posição relativa ao papel do professor no processo de formação do aluno (resposta 3). Não sei se me identifico exatamente com as implicações da expressão consagrada como “*aprender a aprender*”, mas não tenho dúvidas sobre a importância central do aprendiz nesse processo, no qual também se integra o professor.

ENTREVISTADO 8

R: É preciso ter bom senso para encontrar um equilíbrio nessa questão. Certamente temos

de envolver e responsabilizar o aluno pelo seu processo de formação porque essa é uma atitude, antes de mais nada, pedagógica. Porém, o professor não pode deixar de exercer seu papel que, nessa perspectiva do *aprender a aprender*, se transforma, passando do tradicional transmissor do conteúdo para o parceiro criativo nas proposições que sejam provocadoras para os alunos. E uma ação mais complexa e exigente. Também muito mais trabalhosa. Mas, sem dúvida, mais prazerosa.

ENTREVISTADO 9

R: As propostas mais recentes de deslocar a responsabilidade da aprendizagem para o aluno no sentido do *aprender a aprender* podem ter bons resultados se não esquecerem nem do professor, nem dos conteúdos. Por um lado, o professor tem um papel mediador essencial no processo de aprendizagem, pois, do contrário, voltamos à educação rousseauiana. Por outro lado, o aluno aprende sempre alguma coisa. Tem que haver algum conteúdo ou habilidade a adquirir, caso contrário, pode-se cair no vazio do método pelo método.

ENTREVISTADO 10

R: Entendo ser fundamental. Atualmente, o desenvolvimento técnico científico caminha a passos largos. Com isso, as necessidades de mercado, também. Assim, o Administrador precisa estar preparado para *aprender a aprender*, aprender a se informar, aprender a usar a informação – no momento certo. Sem isso não só não terá sucesso, como, também, não sobreviverá no mercado.

ENTREVISTADO 11

R: Concordo plenamente, e quero inclusive comentar que quando “descobri” esta teoria, em meu curso de especialização em docência, me tranqüilizei, pois, me sentia muito frustrada por tentar fazer o máximo por meus alunos, tentar

ensinar a todos e não ter retorno de alguns. Vejo hoje que não vou conseguir nunca ensinar alguma coisa às pessoas que não querem aprender. Esforço-me para dar aulas interessantes e motivadoras, procuro despertar o interesse destes alunos, mas poucos são os que consigo “recuperar”. É muito difícil aceitar o fato de que alguns alunos querem simplesmente “passar” pela faculdade e não têm interesse em aprender.

ENTREVISTADO 12

R: Professor e alunos são agentes importantes do processo de ensino e aprendizagem. Não há como privilegiar um ou outro. O professor comprometido e instigante, o aluno criativo e interessado criam uma atmosfera de prazer em aprender e ensinar. O professor pode promover junto a seus alunos a construção de bases teóricas sólidas, orientá-los na busca da informação e do conhecimento complementar. O processo de ensino/aprendizagem conduzido deste modo forma indivíduos com autonomia intelectual. Diante de um novo desafio são capazes de mobilizar todo o seu potencial de formação.

ENTREVISTADO 13

R: É uma proposta significativa mas que demanda muito trabalho e segurança do professor. Antes, o professor era o dono do saber e, do alto de sua cátedra, tolhia a liberdade dos estudantes e assim, não despertava neles a autonomia tão necessária para o *aprender a aprender*. Hoje, com novas metodologias já em prática, o aluno se sente livre, faz suas descobertas sozinho e, queremos crer, encaram a sua vida de estudante de uma maneira mais feliz e com mais responsabilidade.

ENTREVISTADO 14

R: *Aprender a aprender* me parece uma boa meta, no processo de ensino-aprendizagem. Mas creio que exige a preliminar do “ensinar a aprender”, que é o papel do professor e também dos pais. Eu diria que o papel do mestre, hoje, é

o de fornecer ao aluno algumas ferramentas para que descubra o mundo por si próprio, de motivá-lo para que tenha o entusiasmo de fazer isso, e de ajudá-lo nas dúvidas que tiver pelo caminho.

ENTREVISTADO 15

R: Não tenho opinião formada quanto a isso. Sem dúvida os alunos devem ser instados a pensar por eles próprios, sem cultivarem tão fortemente essa sofisticação que muitos professores instintivamente lhes inculcem, quase que desde as disciplinas básicas do curso de Economia. Se *aprender a aprender* tem o sentido de desenvolver o espírito crítico que mencionei acima, é por aí mesmo!

ENTREVISTADO 16

R: São teorias que enfatizam a condição de sujeito do aluno, sem excluir o professor também como sujeito.

ENTREVISTADO 17

R: Acho extremamente difícil pela bagagem cultural que o aluno traz para a universidade; entendo que é de difícil aplicação na Faculdade de Direito.

ENTREVISTADO 18

R: Deslocar a responsabilidade de ensino/aprendizado do professor para o aluno na direção do *aprender a aprender* terá seus méritos desde que o professor esteja habilitado a fazê-lo.

QUESTÃO 6 – Quais os pontos mais críticos que você destaca nos cursos e Instituições em que atua ou que conhece? Se lhe fosse possível promover alterações, quais seriam suas prioridades?

ENTREVISTADO 1

R: Os pontos mais críticos são os da fragmentação caótica. Creio que a fragmentação

é derivada da expansão do conhecimento, mas deve ser rearticulada numa perspectiva de conjunto. Necessário preservar a pluralidade e a multiplicidade dos conhecimentos, tarefas, idéias e valores, mas não perder o fim principal da educação, que é a formação. Daí ser necessário que se busque, para além da pluralidade, um certo consenso (relativo) sobre a questão fundamental da formação. Isto requer uma compreensão de conjunto da noção de formação.

ENTREVISTADO 2

R: Na instituição em que trabalho atualmente, nos cursos de Pedagogia e Licenciatura, destinados a formar o profissional da área da educação, se pudesse fazer alterações, em primeiro lugar, buscaria implantar um outro modelo curricular de formação, particularmente no caso da Licenciatura. O modelo vigente é totalmente contraditório e insuficiente. Também o curso de Pedagogia precisa de uma profunda mudança de sua concepção. Em seguida, mudaria a própria intervenção pedagógica, procurando implementar um ensino mais baseado na pesquisa, na construção do conhecimento, na prática efetivamente interdisciplinar e num sistemático mergulho na prática educativa real da sociedade envolvente. Por outro lado, em se tratando de uma Universidade Pública, se tivesse poder e condições, também procedería a mudanças no sentido de melhorar as condições de trabalho dos professores e de participação dos alunos no processo de aprendizagem.

ENTREVISTADO 3

R: O Brasil, em particular, deve ser o único país em que o relógio é um meio de ensino. A idolatria da hora, a idolatria da presença, a idolatria do “traseiro na cadeira” e a contabilidade de créditos. Nenhuma delas tem fundamento científico. Se hoje propuséssemos um curso de graduação completamente tutorial, onde o aluno tivesse sessões de orientação com professores, dificilmente alguém aprovaria. “Como? Sem aula?”

Esquisito... Quantas horas-aula? O suficiente para ele aprender? Mas quanto? Quanto? As diretrizes curriculares e os parâmetros curriculares nacionais evidenciaram outro culto: o culto das palavras, o culto dos objetivos, a idolatria das diretrizes... Esses documentos são verdadeiros fetiches dos educadores, que se somam a outros fetiches como as avaliações institucionais, as comissões, um ritual de seriedade que parece querer dar à educação um ar de solenidade, de sobriedade, que ela não possui. Não falta sequer o beija-mão dos membros de comissões, mas isso já é outro capítulo. O ponto crítico é esse: para que serve um curso? Para que o aluno venha e suporte as aulas, e o professor suporte os alunos? Ou é um encontro para se aprender alguma coisa? Perdemos o foco da aprendizagem e do ensino e estamos focados no cumprimento de diretrizes, algumas delas malucas, que foram impostas “democraticamente” pelos nossos pares. Essa é a pergunta: para que serve um curso? Qual é a sua utilidade prática? O que eu mudaria imediatamente: tiraria o foco do relógio e o colocaria no educando e em sua capacidade de agir.

ENTREVISTADO 4

R: Entre os pontos mais críticos, podemos colocar a demasiada valorização da forma em detrimento do conteúdo, o aumento da burocracia (no sentido negativo do termo), a transformação do plano de curso em torniquete, dificultando alterações no meio da jornada (se ocorre uma guerra? Mas ela não estava prevista no conteúdo programático!), a falta de integração entre os conteúdos e, em diversos casos, o elevado número de alunos em sala de aula. As alterações pressupõem que os professores sejam os condutores do projeto pedagógico (e a assessoria permanecer restrita ao significado do termo), ou seja, impedir que o burocrático prevaleça sobre o pedagógico. Algumas disciplinas, principalmente as que trabalham com a epistemologia das ciências, em razão da falta de base na etapa pré-universitária, são mais eficazes como

disciplinas anuais do que como semestrais (quatro aulas semanais em um semestre não são a mesma coisa que duas aulas semanais durante todo o ano). Um maior contato entre os professores é necessário, mas a não inclusão dessas reuniões nas horas-dedicação. O predomínio de professores horistas dificulta esta atividade. Uma outra alteração seria o estabelecimento de um número máximo de alunos por sala de aula.

ENTREVISTADO 5

R: Nos últimos tempos o ponto mais crítico tem sido a crescente pressão por produtividade mensurada em termos numéricos: quantidade de alunos diplomados, dissertações e teses defendidas, trabalhos publicados, etc. A educação institucional, submetida a uma lógica estatística, acabou priorizando a titulação em lugar da formação, a quantidade em detrimento da qualidade. Se pudesse promover alterações, uma delas seria nos cursos de pós-graduação: dar prazos maiores para a conclusão do mestrado e do doutorado. A boa formação depende, entre outras coisas, do tempo despendido no amadurecimento intelectual, que não pode ser encurtado por um processo de “digestão rápida”, como querem as agências financiadoras de pesquisa e os órgãos governamentais ligados à educação.

ENTREVISTADO 6

R: Pontos mais críticos: o descompromisso, o individualismo e o exercício docente em várias instituições ao mesmo tempo. Minhas prioridades seriam: propor e exigir que o professor cumpra efetivamente o seu contrato de trabalho, participando de reuniões de estudo, planejamento, trocas de experiências, bem como de reuniões de avaliação de todo o processo vivido. Desencadear reuniões por período, classe, curso e com a presença sistemática dos alunos representantes, do professor coordenador e do Coordenador do Curso. Promover um processo de avaliação institucional sólido, bem como a avaliação de desempenho dos professores,

direção e coordenação. Ao lado disso, propiciar o aperfeiçoamento da avaliação discente, subsidiado por estudos e relatos de especialistas na área.

ENTREVISTADO 7

R: Como ponto crítico no curso que me é mais próximo, o curso de Pedagogia, vejo logo de início a própria identidade do curso, hoje posta abertamente em questão, mas constituindo um problema ao longo de toda a sua existência. A falta de clareza sobre um eventual recorte epistemológico mais claro no domínio da Educação por certo contribui para esse problema. Não sei se é possível, viável ou mesmo desejável esse recorte. Outros pontos críticos que vejo, não apenas nesse curso (Pedagogia), mas em todos os cursos para a formação de professores (licenciaturas), são a falta de conexão adequada entre a formação teórica e a prática, a distância entre a problemática tratada nos cursos e aquela vivida na rede escolar, o caráter demasiadamente disciplinar na composição do currículo e, de maneira especial, a falta de consideração devida pela universidade aos cursos de formação de professores. Estes são sempre relegados a um segundo ou terceiro plano, com as consequências decorrentes. Com relação a outros cursos da universidade, de maneira geral, considero que sofrem uma falta de senso de realidade, no sentido de não conseguirem se aproximar das necessidades concretas dos alunos, sobretudo se considerarmos a nova clientela que está tendo acesso ao ensino superior, felizmente. A universidade não está preparada para desenvolver estratégias de aproximação dessas necessidades, especialmente no que se refere ao domínio da linguagem, bem como da estruturação lógica do pensamento, necessidades tão fundamentais para o bom desempenho dos estudantes em qualquer curso, de modo especial nos das Ciências Humanas. Gostaria de saber sugerir alterações que pudessem responder a esses problemas. Ando buscando por elas, como espero que meus caros amigos e colegas da universidade

também o façam. Quero lembrar a clássica falta de preparo específico para o magistério que caracteriza a vasta maioria dos professores do ensino superior. Se considerarmos o magistério como uma “profissão”, mesmo que seja entre aspas, por não ser um conceito consensual, podemos refletir sobre o que essa falta representa. Não dá para desenvolver mais este ponto como eu gostaria, mas tenho feito um pouco mais em alguns estudos ligados a minhas pesquisas.

ENTREVISTADO 8

R: Como já me referi, o ponto mais crítico, a meu ver, é o atrelamento da educação à função mercadológica. A universidade perde sua função de pólo cultural e intelectual e se transforma em formadora de profissionais que precisam tirar A no provão. Essa perspectiva está vinculada a um redimensionamento do papel do Estado e seu projeto educativo. Essa dimensão precisa ser questionada e alterada. Nesse sentido, retrocedemos na construção de um projeto educativo emancipatório que nos mobilizou tão intensamente na constituinte de 88 e que favoreceu o embrião de experiências interessantes no campo da pedagogia universitária.

ENTREVISTADO 9

R: Pontos críticos: eu diria que falta um projeto de curso de formação de professores e não se consegue estruturar esse projeto por falta de disposição dos docentes para trabalhar em conjunto. Cada um só pensa no seu pequeno pedaço e poucos, muito poucos, consideram o bem comum. Os que se esforçam e se dedicam não têm qualquer reforço porque o tratamento é homogêneo.

ENTREVISTADO 10

R: Infelizmente a metodologia que se pretende utilizar, que estimula a pesquisa, o trabalho em equipe e a discussão, é incompatível com o tamanho das classes. Disciplina e respeito,

também diminuíram. A liberdade excessiva vem prejudicar o bom andamento das aulas. Se possível, as classes deveriam ter cerca de 30 alunos, recursos técnicos audiovisuais permanentemente disponíveis. A diminuição do número de alunos por classe não só permitiria uma maior discussão dos temas como eliminaria a indisciplina.

ENTREVISTADO 11

R: Pontos negativos: a) grande número de alunos em sala de aula; b) acústica das salas; c) média 5,0 para aprovação parece-me baixa. Estas seriam algumas prioridades, mas a maior seria o número de alunos em sala – eu reduziria este número.

ENTREVISTADO 12

R: O ponto crítico no curso de Geografia da IES em que trabalho tem sido o fantasma da baixa demanda que nos ameaça a cada período de inscrições para o vestibular. Não há produção intelectual que sobreviva a essa ameaça. Apesar das várias ações de reestruturação do curso, de sua divulgação e da construção de novos projetos, convivemos com a síndrome da demanda. Gostaríamos de contar com tempo hábil para implantação do novo Projeto Pedagógico do Curso e levarmos a Geografia aos vários segmentos da sociedade. Precisamos de mais tempo para a construção da identidade do curso de Geografia.

ENTREVISTADO 13

R: Os pontos mais críticos, a meu ver, são: a difícil transição do bibliotecário para o cientista da informação; o futuro mercado de trabalho cada vez mais exigente; infraestrutura de maneira geral; a condição de “curso noturno”. O aluno é trabalhador e o tempo é escasso para uma necessária dedicação aos estudos, aos estágios, etc. As alterações a serem promovidas: tão logo possível, uma avaliação/revisão do novo currículo; uma melhor adequação de professores/disciplinas.

ENTREVISTADO 14

R: No curso de Jornalismo, do qual estou mais próximo, embora afastado de funções acadêmicas, há um excesso de ideologização na mentalidade do corpo docente, falta uma eficiente coordenação pedagógica, falta rigor e objetividade nos programas das disciplinas, falta assiduidade dos professores às aulas, e não há nenhum rigor com os alunos, a quem é permitido praticamente tudo. Confunde-se liberdade aos alunos com deixá-los ao léu. Para um projeto de mudança, minhas prioridades estariam na qualificação e responsabilização do corpo docente, e no estabelecimento de padrões mais rigorosos para o desempenho dos alunos.

ENTREVISTADO 15

R. Levaria o aluno a olhar com menos credulidade tudo o que ouve na sala de aula. A que se deve essa credulidade? Em parte, tenho um sentimento que é o que eu incorporo em minhas respostas acima. Todavia eu seria um cabotino se me apresentasse como tendo compreensão exata do que determina tal passividade intelectual da juventude com a qual interajo. São pessoas bem educadas, de boa situação financeira, porém excessivamente crédulas e descompromissadas com o que se passa à sua volta. A universidade também deveria se debruçar sobre isso. Note que não se trata de ter alunos engajados ideologicamente na “esquerda”, na “direita” ou em qualquer outra posição. O problema vai muito além. Talvez eu saiba mais reconhecê-lo, do que descrevê-lo. Mas que ele existe, existe!

ENTREVISTADO 16

R: Pontos críticos: fragmentação na operacionalização do currículo, decorrente da dificuldade de articulação das disciplinas e formação continuada do professor. Alterações já foram feitas na proposição do novo currículo, colocando como prioridade a organização do conhecimento por área. Conhecimento que rompe

com a “formação geral” e “formação específica”, bem como com a “área de fundamentação” e “área operativa”. No atual currículo o agrupamento de disciplinas se dá na perspectiva de vinculação ou interação entre conceitos diretores. A relação prática profissional - realidade social permeia através dos estágios supervisionados enquanto elemento mediador.

ENTREVISTADO 17

R: Acho que a Faculdade de Direito preocupa-se em demasia com resultados (provão, OAB, concursos públicos, etc.); deixa de lado disciplinas fundamentais para a efetiva formação do Jurista. Resultado, forma “despachantes”. Acrescentar as disciplinas mencionadas na resposta à questão 1.

ENTREVISTADO 18

R: Pontos críticos nas faculdades brasileiras: seu modelo ainda retórico e descompassado do emprego da tecnologia e comunicação que se apresentam em nossos dias; avaliação, frequência, falta de tempo integral aos professores etc...

QUESTÃO 7 – Qual sua apreciação sobre as contribuições da Informática para as Ciências Humanas? Você recorre aos recursos oferecidos pela Informática em suas atividades de docência e de pesquisa? Em caso positivo, cite alguns exemplos sobre o uso desses recursos.

ENTREVISTADO 1

R: Toda e qualquer tecnologia pode trazer contribuições importantes – como ferramentas. De um modo especial, o uso da internet, bem orientado, favorece e enriquece o avanço da Ciência e das ciências. Uso pouco, mas reconheço o enorme potencial para alguns fins específicos. O livro é ainda insubstituível.

ENTREVISTADO 2

R: A Informática é um valioso instrumento de trabalho para qualquer área de conhecimento. Potencializa em muito nossa capacidade de produção. Mesmo trabalhando com filosofia, tenho encontrado na Informática um subsídio muito útil, desde o cotidiano de digitação de textos até o aproveitamento de dados colhidos via Internet, passando pela agilização da comunicação. Responder a questionários de pesquisadores, por exemplo. Mas também para interagir com os alunos fora dos horários de aula. Mas, certamente, ela tem muito mais potencial para respaldar o processo de docência.

ENTREVISTADO 3

R: Uso a informática desde a elaboração, apresentação de aulas, dúvidas por e-mail até a correção de trabalhos e provas. A questão para mim fica até estranha, porque nem há uma contribuição específica: a Informática é uma ferramenta para qualquer ciência. Será limitada, não fará milagres, mas poderá ajudar a ver algo de novo. Lembro-me de ter salvo a pele de um colega. Os demais o acusavam de estar com um critério de avaliação “frouxo” demais. Com algumas planilhas eletrônicas e um tratamento estatístico adequado, pudemos fazer uma descrição mais científica da situação e ver que o docente estava apenas tentando ajustar seu “avaliômetro”, já que a turma enfrentava problemas em avaliações anteriores, que estavam muito além da capacidade dos alunos. Coisa natural na pesquisa: testar o instrumento.

ENTREVISTADO 4

R: Importante, desde que seja sempre utilizada como um meio. É uma fonte fácil de informações, facilita a elaboração de quadros e tabelas, a atualização dos dados, etc. e valoriza a análise, a interpretação, substituindo a necessidade de memorização. Frente às possibilidades que oferece, ainda utilizo pouco os recursos da Informática na prática docente. Em

pesquisas e em textos que elaboro, algumas consultas via internet, a elaboração de gráficos, quadros e tabelas e a possibilidade de modificar trabalhos já elaborados, têm sido importantes.

ENTREVISTADO 5

R: Os recursos oferecidos pela Informática facilitam muito o trabalho e o tornam mais produtivo. Basta lembrar o que era redigir uma tese no período anterior ao computador. Utilizo vários recursos propiciados pela Informática: produção e revisão de trabalhos escritos, pesquisa bibliográfica e aquisição de livros, comunicação e troca de informações e experiências, produção de material didático para a sala de aula, etc.

ENTREVISTADO 6

R: A Informática trouxe contribuições bastante significativas para a área da educação. Tenho utilizado dos seus recursos para levantamentos bibliográficos relacionado aos temas que estou pesquisando ou estou estudando com os alunos, para a construção de minha tese de doutorado. Sirvo-me dela para trocar informações com meus colegas de equipe e de pesquisa, para receber e analisar trabalhos de alunos, agendar atendimentos, preparar reuniões, e para produzir analisar propostas coletivas de trabalho. Confesso que me apropriei ainda de forma moderada, nos meus cursos, de todos os recursos oferecidos pela Informática. Pretendo ampliar cada vez mais o uso destes instrumentos, sempre combinados com a reflexão crítica.

ENTREVISTADO 7

R: Pessoalmente não sou muito versada em questões da Informática. Acho que ela pode fazer grandes contribuições para as Ciências Humanas, como para todas as Ciências. Ela já aparece como um instrumento fundamental para o trabalho científico, e por isso deve ter seu acesso assegurado a todos os estudantes, sem, entretanto, ser considerada como um substituto

de outras funções inerentes a esse trabalho. No meu caso, sirvo-me dela de modo bem modesto, para digitação de textos, armazenamento de informações, comunicação rápida via internet e pouca coisa a mais.

ENTREVISTADO 8

R: A Informática transforma nossos processos de trabalho e de pensamento. Ao mesmo tempo atropela nosso processo de aprendizagem enquanto professores, com repercussões indiscutíveis nos nossos alunos. O perigo é que a Informática sobreponha-se aos processos de autonomia intelectual dos sujeitos. É preciso dominá-la, mas não podemos deixar que ela nos domine. Pessoalmente, uso a Informática como recurso para produção de textos e correio eletrônico que me aproxima de meus alunos e orientandos.

ENTREVISTADO 9

R: Contribuições da Informática: Tenho usado as possibilidades de troca de textos com meus alunos. Elaboramos textos em conjunto, trocamos observações, conversamos à distância. Há os aspectos negativos também: alguns alunos invadem minhas férias e meu descanso semanal pelo e-mail. Também estamos usando softwares específicos para analisar dados qualitativos de pesquisa, o que parece muito promissor.

ENTREVISTADO 10

R: A Informática revolucionou a universidade. A Internet é uma excelente fonte **imediate** de pesquisa, embora não elimine, **absolutamente**, a consulta bibliográfica. Tenho usado a Informática na preparação de aulas, mas não como recurso técnico de apoio nas aulas. Precisariamos ter, permanentemente, em cada classe, um retroprojetor, um aparelho de TV de 29" e um videocassete ou DVD, para uso do professor e dos alunos em suas apresentações. A PUC-Campinas tem um excelente portfólio de vídeos, mas pouquíssimos aparelhos para exibí-los.

ENTREVISTADO 11

R: Acho excelente e vejo como o futuro. Temos ótimos exemplos internacionais e no Brasil já estamos nos adiantando em relação ao assunto. Faço vários cursos via Web e, sendo professora de dois cursos de ensino à distância, tenho acompanhado o desenvolvimento do EAD no Brasil. Tenho imenso prazer em relatar minha experiência positiva em ambos os cursos. O aproveitamento dos alunos é **infinitamente** maior e a distância não é problema – aliás, comento que acho que a distância entre professor / aluno tem sido maior nas salas de aula.

ENTREVISTADO 12

R: A Informática é um instrumento valioso de obtenção, tratamento e comunicação da informação e dos conhecimentos. Por meio da Informática temos possibilidades de trabalhar com múltiplas variáveis nas análises espaciais. Os recursos da Informática devem ser utilizados como instrumentos de análise, o aporte teórico e a capacidade criativa do pesquisador são indispensáveis para que os resultados sejam significativos. Sim, recorro aos recursos da Informática na organização de dados, representação em gráficos e mapeamentos temáticos. Considero meu conhecimento na área ainda incipiente, mesmo porque a atualização é constante. Tenho buscado oportunidades de aprimoramento. Atualmente estou empenhada em conhecer melhor os recursos do Geoprocessamento e da Cartografia Digital. Acredito que estas novas ferramentas crescem atualidade e rigor técnico.

ENTREVISTADO 13

R: Hoje a Informática está presente e atuante em todas as Ciências. Trata-se de uma ferramenta necessária e ninguém pode mais ignorá-la. Nas Ciências Humanas, bem como nas demais, ela representa um papel preponderante. Como professora, uso constantemente os recursos da Informática, a partir do momento

da preparação das aulas. Tenho disciplinas em que faço uso de bases de dados como, por exemplo: ERIC, Chemical Abstracts, Index Medicus, Biological Abstracts e outras. Faço uso dessas bases tanto para o ensino como para pesquisas, quer no fazer o aluno “aprender a aprender” e também treiná-lo para sua nova missão de bibliotecário ou cientista da informação. A Ciência da Informação já é uma realidade. Acreditamos que o desenvolvimento científico e tecnológico vem reforçar a necessidade e o emprego dessa Ciência. Os grandes desafios que a sociedade brasileira enfrenta atingem todas as áreas. Sendo a informação que gera o conhecimento, é necessidade vital de todos. A atuação do cientista da informação já é bastante significativa e deve se ampliar cada vez mais.

ENTREVISTADO 14

R: A Informática é a melhor ferramenta já desenvolvida para os trabalhadores intelectuais depois do livro. São descabidas e inaceitáveis quaisquer resistências ao seu uso, no processo pedagógico. Uso regularmente para o meu trabalho os processadores de texto, os editores de imagem, as planilhas de cálculo, os navegadores de Internet, o correio eletrônico, os grupos de discussão, etc. Não existe mais nenhuma dimensão do meu trabalho acadêmico ou profissional em Jornalismo que dispense o uso da informática.

ENTREVISTADO 15

R: São múltiplas as interações da Economia com a Informática (ou o computador). Todas bem vindas e para lá de úteis. Mas, outra vez, há que não repetir com o computador, o que ocorria antigamente com a formalização matemática. Tive alunos que – quase sem sentir – se formaram em Economia, enamorados perdidamente pela Matemática – o que não sou contra, mas que deturpa as vocações no meio do caminho. Com a vulgarização do uso de recursos de computação (ou Informática) observo ocorrências análogas.

São cientistas sociais que se formam sem maiores apegos ou referências ao próprio campo das Ciências Sociais. O pior é quando resolvem ficar deitando falação sobre como o Brasil deve ser conduzido, em termos de política econômica, reforma constitucional, etc.

ENTREVISTADO 16

R: A Informática é hoje fundamental para o Serviço Social, dinamizando o ensino, a pesquisa e a extensão, contribuindo para a melhoria da qualidade do trabalho. Exemplificando: pesquisa, trabalho em grupo, banco de dados.

ENTREVISTADO 17

R: Pesquisa bibliográfica, científica e jurisprudência, via Internet.

ENTREVISTADO 18

R: Estamos em plena era da informação que revoluciona conhecimentos e os torna acessíveis em todos os campos do conhecimento. Faço uso da Informática que está disponível em meu campo de trabalho, como a Internet

QUESTÃO 8 – Quais as projeções para sua Área nos próximos anos, tanto no que se refere ao desenvolvimento científico e tecnológico, quanto à formação acadêmica, considerando os grandes desafios que se apresentam à sociedade brasileira no momento atual?

ENTREVISTADO 1

R: Difícil fazer, com segurança, qualquer projeção. As tendências atuais da área de formação de professores e da educação, em geral, apontam para a expansão quantitativa e a diferenciação. Pode-se supor que as necessidades crescentes de escolarização e escolaridade venham a requerer cada vez mais o uso de

recursos da educação à distância e da formação em diferentes espaços da sociedade, com mais rapidez e superficialidade. Assim, os cursos tradicionais (por exemplo, de formação de professores) tendem a se desestruturar, adquirindo novas configurações mais ajustadas às necessidades do mercado.

ENTREVISTADO 2

R: No que concerne ao ensino, vejo com preocupações o futuro a médio prazo da área de educação, seja no que concerne à formação do pedagogo como à formação do professor. A criação dos Institutos Superiores de Educação me parece uma iniciativa equivocada, portender a fazer sair da Universidade, em plano de escala, o *locus* de formação para a docência. Se já apresenta limitações na Universidade, o que não vai acontecer nessas instâncias sem qualquer experiência. Quanto à Pedagogia, não sobraram atribuições exclusivas para esse curso, todas as modalidades de seu perfil profissional podem ser obtidas, de maneira mais facilitada e azeitada, em outras instâncias. No entanto, no que concerne à pesquisa, entendo que a área de educação vive um momento bastante fecundo, na medida em que a experiência de pós-graduação já está bem amadurecida, o que tem permitido que os educadores adentrem o universo da produção do conhecimento de seu campo objetivo.

ENTREVISTADO 3

R: O desafio da educação é conseguir o impossível: atender a demanda por equilíbrio econômico e distribuição de renda. O sistema de ensino público vai ruir completamente nos próximos dez anos, do ensino superior ao fundamental, ante a quebra orçamentária que se aproxima. Restaram, como já sobrevivem, algumas ilhas em universidades públicas. Teremos que fazer um movimento de contrapolitização da escola-empresa, para que ela se democratize, mas isso é completamente inviável. A dinâmica capitalista é incompatível com a

democracia. Observe-se a crise do bipartidarismo norte-americano. A escola pública de ensino fundamental e médio se transformou numa pequena e ineficiente prisão de menores: tirar a criança da rua para que ela não se marginalize. Seu maior projeto pedagógico: a merenda. Isso fala muito alto: as crianças não vão para aprender, mas para comer, para ter a bolsa-escola...

O Estado Federal não comporta mais o ensino superior e quer privatizá-lo. Na impossibilidade de conseguir isso, vai fazer o que fez com o ensino médio: sucateá-lo. Não temos um projeto consistente de educação fora do Estado e não temos controle do Estado para fazer com que ele desenvolva a política de educação que o país precisa. Nove entre dez educadores brasileiros acreditam e, na verdade, dependem da escola pública. Mas ela está morta. Como fantasmas, as instituições públicas vivem de seu passado e dos nomes de seu passado. De novo, o ressentimento e o culto do passado. O Estado brasileiro não fez e não fará a educação democrática. Isso é uma tendência histórica. Nossa pesquisa deveria estar discutindo as alternativas, mas tudo o que se quer é “salvar a escola pública”. Esse discurso, de tão utópico, já é ideológico.

Sob um olhar mais positivo: a educação não-formal, a educação de rua, a educação social representam um avanço em nosso país. Essa área quer buscar a educação no seu ponto de ruptura. Lá onde a escola quebrou: no educando que não vai para a escola. Ainda estamos na fase incipiente. No bate-lata. As crianças fazem “essas coisas de menino pobre”, coisa que “pobre pode fazer”. Uma mentalidade muito católica essa de que há uma certa “bondade de pobre” no pobre, só que hoje, para a ONG laica o que há é uma “solidariedade”. Nunca pode haver um potencial revolucionário. O futuro aponta para a segunda fase: a educação do violento. A educação daquele cuja ruptura não se contenta em bater lata: ele quer os bens de consumo que o sistema já disse que não vai dar e ele vai buscar. A educação social, além de um “modelo bonito” é também um modelo urgente: educar o outro antes que ele me

mate. Não há dúvida: a melhor novidade do fim do século XX foi o educador de rua.

ENTREVISTADO 4

R: Estou sem a minha bola de cristal, mas para o geógrafo (profissão regulamentada desde 1979, que possui um rol tão amplo de competências que o faz entendido em quase tudo) as perspectivas são boas pois, dependendo do currículo, pode atuar nas áreas Ambiental, Planejamento, Cartografia, Meio Físico e Turismo. A exigência constitucional de planos diretores para as cidades, a necessidade de planejamentos mais consistentes, a “onda ecológica” e, principalmente, a expansão da atividade turística, são fatores que ampliam as possibilidades de trabalho. Mas ele precisará se especializar em algumas destas áreas.

No ensino superior, se os novos cursos de Turismo não fizerem uma opção para serem cursos técnicos e serviços ao mercado, provavelmente ocorrerá um aumento da demanda por professores de Geografia (nos outros cursos, a diminuição da carga horária tem feito com que se tornem cada vez mais específicos e, portanto, menos “universitários”, diminuindo a presença de disciplinas de outras áreas).

Nos ensinamentos fundamental e médio, as dificuldades por que passam os professores da rede pública, aliadas à perda de prestígio e de salário, estão fazendo com que haja uma queda na procura, inclusive por parte de alguns que gostariam de exercer a profissão. Se a licenciatura curta retornar – para formar professores curtos que aceitam salários curtos –, teremos um triste passado pela frente. Precisamos, urgentemente, de bons projetos de licenciatura, principalmente nas universidades públicas. Além disso, a Geografia – que deu um grande salto com a atuação de Milton Santos – precisa definir melhor o seu objeto. O seu antigo papel de estimuladora do nacionalismo patriótico através do amor ao território, a sua atuação como disciplina de um amontoado de informações desconexas, a sua definição como síntese (no sentido positivista) dos conhecimentos relativos

ao homem e ao meio físico (o que acabou colocando quase tudo como seu objeto de estudo e deixando-a indefinida quanto ao mesmo), não servem mais e podem até levá-la a ser retirada dos currículos escolares. Ela precisa discutir e clarificar seu objeto, seu método e seu papel pois a realidade e, portanto, o meio geográfico (caracterizado, por Milton Santos, como técnico-científico-informacional) são outros.

Algumas contribuições da área já podem ser constatadas. Para o conhecimento do Brasil, a presença de geógrafos e a própria atuação do IBGE são, desde a fundação deste órgão (1938), significativas. Em diversas áreas, notadamente em relação ao meio físico, o país deve muito a trabalhos de Aziz Ab'Saber (Geomorfologia) e Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (Climatologia), entre muitos. No conhecimento destes nossos aspectos naturais, são muito significativos e abundantes os trabalhos de pós-graduação. Os estudos de Josué de Castro sobre a fome (apesar de muitos da própria área da Geografia, naquela época, não os considerarem como geográficos), realizados com base em metodologia da Geografia, foram fundamentais. Nas últimas décadas, inúmeros foram os trabalhos de qualidade a respeito de questões urbanas. Na década de 1980, a presença marcante da Geografia Crítica em muitos livros didáticos permitiu discussões, em salas de aula, voltadas realmente para um "exercício consciente da cidadania". Destaque merece, na tentativa de um projeto brasileiro para o Brasil, na luta "por uma outra globalização", na re-inserção da Geografia nos debates sobre o nosso tempo, na criação de novos conceitos para as novas realidades, na revitalização das ferramentas conceituais para a análise geográfica, etc, etc, a obra realizada pelo geógrafo Milton Santos. As outras Ciências Sociais muito ganhariam se discutissem a obra miltioniana que, como toda obra de um verdadeiro intelectual, é aberta e voltada para um futuro melhor para a maioria dos seres humanos.

ENTREVISTADO 5

R: Como projeções têm a ver com projetos, minha perspectiva é otimista. Caminhamos

gradualmente para a realização efetiva do velho ideal da Universidade como local que deve articular docência e pesquisa. Percebo que isso tem ocorrido cada vez mais, inclusive nos cursos de graduação. Obviamente, minha avaliação tem a ver com a realidade da universidade pública, onde trabalho há muitos anos. Por outro lado, as pesquisas ligadas à educação têm demonstrado grande sensibilidade para perceber e investigar os problemas que emergem da realidade educacional, superando o viés idealista que tanto marcou a produção dos discursos sobre a educação no Brasil. Há sempre o risco de se cair num pragmatismo que recusa a teoria até mesmo como instrumento de reflexão sobre a prática, mas, enfim, nenhum empreendimento pode estar imune a algum risco.

ENTREVISTADO 6

R: O curso de Pedagogia da PUCSP está sendo reformulado e esse processo teve início em 1997. A comissão de reformulação é composta por aproximadamente 12 professores da Faculdade, que ministram aulas de diferentes disciplinas. Estamos revendo, em reuniões semanais, todos os aspectos centrais (pressupostos, princípios, desenho curricular, estágios, etc) para propor um curso que contemple as exigências e desafios que se apresentam à sociedade brasileira. Paralelamente, outra comissão está estudando a reformulação das Licenciaturas, sendo que a coordenadora do PGL-Programa Geral das Licenciaturas é membro da comissão de reformulação da Pedagogia. Estamos procurando estabelecer parcerias em pesquisas e em projetos, com alguns cursos de Pós-Graduação da PUC, na tentativa de aprimorar o desenvolvimento científico e tecnológico, na área da Educação. Penso que as contribuições mais notáveis de nossa área para o avanço do conhecimento sobre o nosso país e para a aquisição de uma consciência crítica em nível nacional provem dos professores da graduação e da pós-graduação que desenvolvem pesquisas, produzem artigos e livros, os quais têm sido

divulgados em eventos nacionais, como ANPED, ANPEDINHA, em congressos internacionais, ou em associações como a ANFOPE etc.

ENTREVISTADO 7

R: Um tanto paradoxalmente considero que a área da Educação tem demonstrado um desenvolvimento notável, especialmente no que se refere à atividade de pesquisa, que recebeu enorme impulso com a multiplicação dos cursos de pós-graduação e dos veículos de publicação, assim como das vias de financiamento de pesquisas. Claro que a quantidade de estudos feitos e publicados não apresenta um nível de qualidade sempre satisfatório. Mas não há dúvida de que estamos acumulando um importante acervo de análises, discussões e mesmo conhecimentos a respeito de muitas questões que atormentam há muito tempo nossas escolas, nossos alunos e nossos professores. Diria, porém, que ainda falta uma aproximação bem maior entre a universidade e esses atores principais da cena educacional, especialmente via trabalho de pesquisa, hoje monopolizado pelos professores do ensino superior. Acho que um desenvolvimento nessa direção resultaria em enriquecimento para todos e para a área da Educação em particular. Creio que nossas principais contribuições têm vindo desses estudos mencionados, pelos quais procuramos conhecer melhor nossa realidade educacional, sob um ponto de vista crítico e buscando refletir sobre as possíveis soluções adequadas para os nossos problemas, com base na discussão teórica disponível. Se conseguíssemos dotar nossos cursos para formação de professores com as armas que vimos desenvolvendo a partir desses estudos, acho que estaríamos conseguindo um bom avanço para a aquisição da consciência crítica nacional.

ENTREVISTADO 8

R: Pergunta complexa, pois exigiria uma reflexão da área e não individual. Entretanto creio

que temos o desafio de denunciar e romper com a lógica neoliberal imposta para os países em desenvolvimento. Temos de ajudar, enquanto área, a minorar os profundos problemas da prática educativa de nosso país. Lutar pelos valores que assumam a condição de cidadania para todos. As contribuições da área, infelizmente, ainda se localizam no estágio da resistência. Mas a área tem feito movimentos importantes, ainda que nem sempre vencedores, em termos de seus objetivos. Os movimentos organizados e as associações científicas nos representam e se empenham nas lutas principais. Também é possível considerar como avanço a produção científica da área, muitas delas tributárias do Programas de Pós Graduação.

ENTREVISTADO 9

R: Projeções da área: como grande desafio, não capitular às tentativas de homogeneização e de globalização; tentar encontrar respostas locais para nossas questões sem desconsiderar o conhecimento acumulado e as conquistas da humanidade; resistir. Necessitamos de muita pesquisa para desenvolver conhecimentos que nos ajudem a enfrentar os grandes problemas da educação brasileira. Necessitamos de pessoal capacitado: agentes críticos e criativos, com consciência da realidade e empenhados em colaborar na luta por uma sociedade menos desigual. Precisamos, sobretudo, desenvolver cidadãos leitores e escritores.

ENTREVISTADO 10

R: Tenho certeza de que haverá uma revolução na área de Recursos Humanos, hoje já substituída por Gestão de Pessoas. No Marketing, a globalização, sem eliminar as raízes culturais, transforma o consumo em uma coisa só, em qualquer que seja o país. Em resposta a esta pressão de homogeneidade de consumo, deverá ser despertada uma radicalização de costumes. Cada povo, cada região procurará não permitir que sua cultura seja absorvida, exigindo,

pois, das empresas, a personalização dos produtos. Assim, o Administrador que se forma precisará estar totalmente aberto a estas mudanças, pronto a romper com paradigmas, quando se fizer necessário. E a universidade, como um todo, ser também flexível e ágil para permitir e facilitar a adaptação do aluno às novas regras do jogo, as quais, **permanentemente**, acontecerão. Não há mais lugar para a universidade engessada! Se ela assim o for, perderá espaço, dará lugar a outras formas de ensino.

ENTREVISTADO 11

R: Infelizmente faço projeções negativas, com as salas continuando com muitos alunos, que por sua vez estarão cada vez mais desinteressados... Tenho algum receio também com a crescente falta de respeito que os alunos demonstram com os professores – isso parece estar relacionado à questão do aluno se considerar um cliente... Em minha opinião, o campo de atuação dos administradores está cada vez mais seletivo e exigente, e nossos alunos não são bem formados por vários motivos, mas a meu ver o maior deles é a falta de interesse dos alunos.

ENTREVISTADO 12

R: Como o processo de aceleração contemporânea as Ciências, de modo geral, e a Geografia encontram-se diante de grandes desafios. O nosso grande desafio é resgatar a produção teórica dos últimos anos para constituir o suporte da intervenção do geógrafo na realidade. Um trecho do pensamento de um dos mais importantes geógrafos do nosso tempo contextualiza nossa meta: "...uma geografia ré-fundada, inspirada nas realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz, teórico e prático, para a ré-fundação do Planeta".

ENTREVISTADO 13

R: Sem resposta

ENTREVISTADO 14

R: O Jornalismo está em plena mutação, com a convergência entre os diversos meios de comunicação. Mídias impressas e mídias eletrônicas convergem para uma mesma plataforma, na Internet, exigindo um profissional que seja capaz de operar as mais diversas linguagens, com igual proficiência. Esse profissional ainda não existe no mercado, que já se preocupa em capacitá-lo. E existe muito menos ainda na concepção das escolas de Jornalismo, sempre atrasadas em relação às exigências do mercado. O desafio está em formar esse novo jornalista, sem dispor da parafernália tecnológica com a qual ele trabalhará, nas situações reais da vida profissional. É uma tarefa difícil, mas deve ser enfrentada.

ENTREVISTADO 15

R: Meu campo profissional é conhecido modernamente por "Economia Constitucional" e, por vezes, "*public choice*" – o que é um programa de pesquisa que passou a tomar forma nos anos de 1960, em limitados segmentos da academia econômica nos EUA. A idéia central nessa linha de estudos é que "as instituições contam", ou seja, é inseparável pensar em política pública e nos processos políticos. Lamentavelmente, essa é uma área ainda de pouca expressão nas universidades brasileiras, não obstante vários prêmios Nobel de Economia terem sido atribuídos a luminares dessa área de estudos. Todavia, esse é um campo da fronteira do desenvolvimento intelectual nas Ciências Sociais, e que, como disse anteriormente, congrega atuações de economistas, constitucionalistas, e cientistas políticos. O significado dessa área para o Brasil na atualidade – ano eleitoral – é enorme. Tento incutir em meus alunos essa percepção, no que sou ajudado pelo interesse episódico que todos estão tendo com as próximas eleições, e as mexidas constantes que têm sido promovidas na Constituição brasileira. Com isso, consigo que os alunos aceitem considerar gráficos e fórmulas

que, em outro contexto, pareceriam ser a essência da lição que eu tento lhes passar. Insisto sempre que eles devem ver em que extensão essas “visões estilizadas” se aplicam ao Brasil.

ENTREVISTADO 16

R: Construção de nexos interdisciplinares; apreensão das formas de explicitação social, cultural e política da população, para intervir na realidade social; execução, formulação e gestão de políticas sociais, rompendo com as atividades burocráticas e rotineiras; pesquisas sociais para qualificar a prática profissional e produzir conhecimento; trabalho em redes sociais e de recursos; ampliação das políticas sociais para atendimento da população; assessorias, consultorias.

ENTREVISTADO 17

R: Acredito que a Faculdade de Direito trará uma gama enorme de profissionais despreparados para o mercado de trabalho, profissionais, eminentemente técnicos, sem qualquer formação humanística. Acredito que a concorrência será tanta que, futuramente, os “cursinhos” que preparam aluno para a OAB e Concursos Públicos terão cada vez mais destaque no âmbito mercadológico.

ENTREVISTADO 18

R: O futuro, hoje e amanhã, por si só obrigará, em curto espaço de tempo a tradição e o empirismo em educação a dar lugar às modernas técnicas de comunicação e transformação em todos os campos da ciência.